



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS - LIP

ARIANE BATISTA ALVES

**LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM DO QUINHENTISMO
PARA ALÉM DAS NARRATIVAS DE CAMINHA – A LITERATURA INDÍGENA
COMO CONTRANARRATIVA**

Brasília - DF
2025

ARIANE BATISTA ALVES

**Literatura no ensino médio: uma abordagem do Quinhentismo para além das narrativas
de Caminha – a literatura indígena como contranarrativa**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador(a): Dra.^a Viviane Cristina Vieira.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me ajudar, com sua infinita bondade, a atravessar todos os obstáculos que desafiaram minha permanência na Universidade. Por sua proteção e por seu amor nos momentos em que pensei em desistir.

A minha mãe, por seu cuidado, por seu incentivo, por sua compreensão e por seu exemplo de mãe, mulher, coragem e força.

Ao meu pai, por sua presença, por seus conselhos, por sua preocupação e por seu exemplo de pai, homem, fortaleza e coragem frente à vida.

As minhas irmãs pelo companheirismo, pelas risadas, pelos choros e pelas palavras de incentivo.

Aos amigos e colegas de trabalho pela compreensão, pela parceria, por frases como “vai dar certo!” e pela flexibilidade durante minha jornada no curso.

As escolas em que estudei durante a educação básica, por me mostrarem o amor pela educação e pela maneira carinhosa com que me ajudaram a realizar o sonho de ingressar na Universidade de Brasília.

Aos professores que me inspiraram a escolher essa profissão e a minha orientadora pela parceria durante o desenvolvimento deste trabalho.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram para que o sonho de ingressar em uma universidade pública e concluir o meu curso se tornasse possível.

LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM DO QUINHENTISMO PARA ALÉM DAS NARRATIVAS DE CAMINHA – A LITERATURA INDÍGENA COMO CONTRANARRATIVA

RESUMO

A prática em sala de aula e os documentos que norteiam sua efetivação devem estar alinhados a uma abordagem pedagógica que vise a reflexão crítica dos estudantes bem como deve incitá-los a realizar uma tomada de posição ética e cidadã frente aos problemas sociais que a sociedade enfrenta. Nesse sentido, este artigo busca contribuir com reflexões acerca do ensino de língua portuguesa como língua materna, especificamente, sobre a apresentação do conteúdo de Quinhentismo no Ensino Médio, abordando as práticas de linguagem de leitura, oralidade e produção textual. A pesquisa apresentada é fruto da experiência do Estágio Supervisionado em português 2 da Universidade de Brasília e das atividades desenvolvidas durante o projeto de extensão “Leitura crítica e Escrita para a Universidade” vinculado ao curso de licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da universidade. A partir da experiência de estágio, com atividades que incluíam observação e regência em uma sala de aula de escola pública do Distrito Federal, buscamos apresentar a relação entre a Análise de Discurso Crítica e as Diretrizes Educacionais na construção de um plano de aula que abordasse o Quinhentismo para além das narrativas hegemônicas presentes na carta de Caminha, utilizando como contranarrativa a esses discursos a literatura indígena. Para isso, estudos como os de Ramalho e Resende (2011) e Thiél (2012) além de documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular (2018) e o Currículo em Movimento do Novo Ensino Médio do Distrito Federal (2020) configuram-se como materiais indispensáveis na abordagem e construção da prática pedagógica realizada.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso Crítica; quinhentismo; estágio supervisionado; literatura Indígena; diretrizes educacionais.

LITERATURE IN HIGH SCHOOL: A QUINHENTISMO APPROACH BEYOND CAMINHA’S NARRATIVES – INDIGENOUS LITERATURE AS A COUNTER-NARRATIVE

ABSTRACT

Classroom practices and the documents that guide their implementation must be aligned with a pedagogical approach that aims to encourage students to reflect critically and take an ethical and civic stance in the face of the social problems that society faces. In this sense, this article seeks to contribute to the teaching of Portuguese as a mother tongue, specifically on the presentation of 16th-century content in high school, addressing the language practices of reading, speaking, and textual production. The research presented is the result of the experience of the Supervised Internship in Portuguese two at the University of Brasília and the activities developed during the extension project “Critical Reading and Writing for the University” linked to the undergraduate course in Letters-Portuguese Language and Respective Literature at the university. Based on the internship experience, with activities that included observation and teaching in a public school classroom in the Federal District, we sought to present the relationship between Critical Discourse Analysis and Educational Guidelines in the construction of a lesson plan that addressed 16th-century teaching beyond

the hegemonic narratives present in Caminha's letter, using indigenous literature as a counter-narrative to these discourses. To this end, studies such as those by Ramalho and Resende (2011) and Thiél (2012), in addition to normative documents such as the Base Nacional Comum Curricular (2018) and the Currículo em Movimento do Novo Ensino Médio do Distrito Federal (2020) are configured as indispensable materials in the approach and construction of the pedagogical practice carried out.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis; Quinhentismo; supervised internship; Indigenous literature; educational guidelines.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é resultado da experiência de Estágio Obrigatório Supervisionado em Português 2, realizado em uma escola pública de ensino médio localizada na cidade de São Sebastião-DF em conjunto com a Universidade de Brasília (UnB) e a Secretária de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Neste trabalho, apresentamos, a partir dos momentos de observação e regência em sala de aula, a relação estabelecida entre os documentos normativos que orientam a prática docente, tanto em âmbito nacional quanto local, e a contribuição da Análise de Discurso Crítica (ADC), apresentada em estudos como os de Ramalho e Resende (2011), na abordagem de uma sequência didática para o componente curricular de língua portuguesa, nos eixos de prática de linguagem: literatura, oralidade e produção textual.

A pesquisa é integrada por reflexões produzidas no âmbito do Projeto de Extensão Leitura Crítica e Escrita para a Universidade, coordenado pela Professora Dra. Viviane Cristina Vieira. O trabalho desenvolvido pela docente, em conjunto com os estudantes de licenciatura do curso de Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, busca a promoção da articulação entre a universidade e a educação básica. Tal articulação se dá pelo desenvolvimento de pesquisas e pela elaboração de planos de aula pautados em metodologias ativas de ensino-aprendizagem ligados às correntes sociodiscursivas e sociointeracionistas. A produção de atividades como oficinas de leitura crítica, de redação, de revisão textual e de reflexão linguística, por exemplo, são desenvolvidas com base na perspectiva crítica dos estudos da linguagem. Nesse sentido, a ação é direcionada a estudantes regulares da SEEDF sob supervisão do professor orientador de Estágio Supervisionado em Português da UnB e do professor supervisor da escola.

Entre os principais objetivos do projeto está a possibilidade de promover entre os discentes em formação inicial e os professores efetivos das escolas uma perspectiva de abordagem da linguagem que seja capaz de desconstruir um ensino de língua materna pautado em tradições que instauram e sustentam relações de poder desiguais na sociedade, contribuindo, assim, para uma capacitação inicial e continuada que colabore para a transformação e a construção de um conhecimento crítico alinhado às demandas sociais. É sobre essa perspectiva que a ação desenvolvida na escola está baseada.

Para elaboração do projeto de pesquisa, as atividades de estágio foram desenvolvidas no Centro Educacional São Francisco, conhecido carinhosamente como Chicão, que é uma

escola de Ensino Médio localizada no bairro São Francisco, em São Sebastião - DF. As atividades escolares na instituição foram iniciadas há menos de 20 anos, no dia 11 de fevereiro de 2008, sendo apenas a segunda escola de Ensino Médio para os estudantes da cidade. Dentro dessa realidade, sua construção se deu pela demanda em alocar os jovens de São Sebastião na etapa do Ensino Médio que, por falta de instituições mais próximas e a superlotação do CEM 01 da cidade, precisavam se deslocar para outras regiões, como o Plano Piloto, para finalizar a última etapa da educação básica. A realidade da comunidade escolar impacta de maneira direta o processo educativo dos estudantes, já que a escola não deve ser pensada isolada do contexto social, econômico e histórico da região a que pertence. Nesse sentido, o Chicão atende estudantes com vivências e histórias diversas que refletem a comunidade e a função social da escola na cidade. Diante dos desafios enfrentados pela escola, como a desigualdade social e econômica, além de questões que envolvem a marginalização e a exclusão de grupos sociais, o Chicão é uma escola que atua para e na transformação social da comunidade. Nesse sentido, existe a aproximação da escola com a população por meio da promoção de projetos e da utilização da escola como ponto de manifestação cultural da cidade.

Com a Reforma do Ensino Médio e a implementação de um novo modelo de ensino, o Novo Ensino Médio (NEM), a instituição tem passado por algumas transformações e desafios com relação à continuidade de projetos que compõem a identidade estrutural das práticas de ensino-aprendizagem desenvolvidas pela escola. Com relação a isso, a organização da escola e do corpo docente está distribuída, em conformidade com o novo modelo de ensino, entre a formação geral básica, a separação dos componentes curriculares por áreas do conhecimento e os itinerários formativos (com a oferta de disciplinas eletivas¹). Durante o desenvolvimento das atividades na escola, voltadas aos conteúdos de língua portuguesa, foram acompanhadas duas turmas do 1º ano e uma turma da disciplina eletiva “Gramaticalizando o português”, todas compostas por 30 alunos, aproximadamente, com faixa etária entre 15 a 16 anos. A proposta de atividade desenvolvida se deu a partir da abordagem do conteúdo de literatura, mais especificamente, sobre a apresentação dos movimentos literários às duas turmas da disciplina de língua portuguesa.

Visando à contribuição para a abordagem desse conteúdo em sala, os planos de aula desenvolvidos foram construídos com foco no movimento literário Quinhentismo e nas

¹ As disciplinas eletivas deixaram de compor o itinerário formativo nas escolas de ensino médio do DF em 2025. A informação pode ser consultada na seção de referências bibliográficas deste estudo.

produções textuais do período. Sabendo da tradição que envolve a abordagem desse conteúdo, buscou-se apresentar uma perspectiva crítica do assunto, bem como apresentar os discursos que envolvem esse período da história para além das narrativas apresentadas por Caminha. Sob esse viés, a abordagem do conteúdo foi dividida em dois momentos. Na primeira aula, foi apresentado o contexto histórico, as características do movimento e houve a realização da leitura de alguns trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha que fomentaram a reflexão crítica e o levantamento de perguntas e afirmações que buscavam contemplar na discussão a perspectiva da história contada aos olhos do colonizador. Na segunda aula denominada como “O outro lado da história”, foram apresentados textos de autores indígenas contemporâneos que dialogam com o fato histórico presente na carta, que fundamentaram a atividade proposta. Ou seja, o objetivo foi apresentar o Quinhentismo, mas também deixar claro que essa versão de história do Brasil presente no documento histórico é pautada em narrativas hegemônicas colonialistas, eurocêntricas e excludentes que integram esse momento da história do país na perspectiva do colonizador e dominador. Sendo assim, a ação colaborativa almejou, justamente, apresentar um contraponto entre a visão portuguesa (colonizadora) e a visão indígena sobre o mesmo fato, utilizando a leitura dos textos indígenas como uma estratégia de contranarrativa aos textos produzidos no período.

É comum que, em abordagens desse tipo de conteúdo, o professor apresente o Quinhentismo como a história do Brasil narrada apenas por meio da perspectiva europeia/dominadora/colonizadora sobre os povos originários. O problema dessa abordagem está no perigo de uma história única², no apagamento do outro lado da história e, consequentemente, na marginalização do grupo que não tem sua voz colocada em evidência durante essas apresentações. Por isso, a atividade desenvolvida nessa sequência didática une-se às contribuições dos estudos da Análise de Discurso Crítica, a partir dos trabalhos de Ramalho e Resende (2011), e aos estudos da professora e escritora Janice Thiel, com suas contribuições nas propostas de abordagem da literatura indígena no ensino médio a partir do livro “Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque” (2012), a fim de elaborar uma aula que contribua para a desconstrução de hegemonias e para a transformação social através da linguagem como prática social.

Sendo assim, o artigo está organizado em quatro seções, de modo que, na primeira seção, será apresentada a metodologia e o referencial teórico utilizado no planejamento da

² Nessa mesma perspectiva, é interessante destacar a contribuição de reflexões como as de Chimamanda Ngozi Adichie, em relação ao perigo de uma história única, desenvolvidas em sua palestra no Ted Talk em 2009.

ação interventiva realizada no período de observação e regência em sala de aula. Na segunda seção, será analisada a relação entre as diretrizes educacionais e a elaboração dos planos de aula para a atividade proposta. Nesta seção, será abordada a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo em Movimento do Distrito Federal para o Novo Ensino Médio, a fim de relacioná-los com o plano de aula. Adiante, a terceira seção discutirá a construção da atividade pedagógica e a dinâmica de sua realização em sala de aula. Por fim, a quarta seção apresentará uma reflexão sobre a prática pedagógica e as contribuições desse artigo para o ensino de português como língua materna dentro da abordagem do conteúdo de literatura sobre o Quinhentismo.

METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

Elaborada a partir dos eixos de prática de linguagem da oralidade, leitura e produção de textos, a atividade desenvolvida buscou fomentar a reflexão crítica sobre a abordagem dos conteúdos de literatura, mais especificamente sobre o Quinhentismo, no ensino médio. Nesse sentido, as reflexões críticas acerca do conteúdo estão fundamentadas na Análise de Discurso Crítica (ADC) e em suas contribuições para um ensino de língua materna em que os estudantes sejam capazes de reconhecer e desconstruir desigualdades sociais por meio da linguagem como prática social.

É como ferramenta de análise da linguagem enquanto manifestação de discursos que a Análise de Discurso Crítica (abordagem científica interdisciplinar) vai observar a dialética entre sociedade e linguagem enquanto prática social. Nesse sentido, sociedade e discurso são irreduzíveis. Por isso, observar os discursos que são apresentados e os que não são abordados em sala de aula podem contribuir para uma perpetuação de discursos hegemônicos ou para sua contestação. Dessa maneira, abordar esse conteúdo sob pontos de vistas que não sejam os tradicionais e dominantes colabora para uma quebra no ciclo das narrativas que colocam o indígena à margem da história.

Nesse sentido, abordar a linguagem como discurso existente dentro das práticas sociais significa analisá-la em relação à sociedade e às questões que atravessam sua estrutura. Por isso, aspectos como a desigualdade social, a hegemonia de certos grupos em relação a outros e as relações de poder que existem entre eles são discutidas pela ADC. Sob esse viés, “nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irreduzível das

maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem” (Ramalho e Resende, 2011, p. 15).

Entendendo que o conteúdo sobre o período quinhentista é apresentado através de textos que refletem apenas um único lado da história e que textos são também eventos discursivos ligados às práticas sociais, torna-se necessário apresentar aos estudantes produções textuais que confrontem ideias preestabelecidas e ensinadas de maneira única e natural nas salas de aula. Ou seja, é necessário que confrontemos discursos dominantes através da inserção e apresentação de conteúdos que possam instigar nos estudantes uma reflexão crítica acerca de certas práticas sociais. É nesse sentido que a professora e escritora Janice Thiél comenta a problemática existente por trás da abordagem do Quinhentismo através de produções textuais que versam sobre um único ponto de vista:

A história contada pelo colonizador europeu e a identidade indígena construída pelo outro indicam que a visão que prevalece é de que há uma grande narrativa, colonizadora e civilizadora. Esta prevalece sobre as demais e, por seu poder de narrar e divulgar suas narrativas, apaga as narrativas paralelas que apresentam versões diferentes da História. (THIÉL, 2012, p. 33).

Ainda sobre essa perspectiva de apagamento e exclusão na construção de uma história narrada pelos olhos do outro e na importância da ADC como objeto de rompimento a esse tipo de discurso, podemos entender essa forma de narrar a história como uma maneira de instaurar e manter discursos ideológicos que contribuem continuamente para a manutenção da desigualdade social e da hegemonia dentro de lutas de poder. Nesse sentido, a ideologia é vista pela ADC como “um conceito inerentemente negativo. É um instrumento semiótico de lutas de poder, ou seja, uma das formas de se assegurar temporariamente a hegemonia pela disseminação de uma representação particular de mundo como se fosse a única possível e legítima” (Ramalho e Resende, 2011, p. 25). Essa manutenção de poder da ideologia pode ser vista na abordagem do conteúdo sobre o Quinhentismo e nos textos abordados em sala de aula, geralmente a Carta de Caminha, quando há a abstenção de uma reflexão crítica sobre o período e a apresentação de uma aula meramente expositiva dos fatos históricos que esse período apresenta.

Nessa perspectiva, são mantidas estratégias discursivas que perpetuam a operação da ideologia dominante. A reificação é uma das formas de operação da ideologia que pode ser encontrada em abordagens pedagógicas que apresentam o Quinhentismo apenas como um momento histórico de “achamento” ou “descobrimento” do Brasil por parte dos europeus e

que apresentam as produções textuais como um material meramente informativo. Sobre a reificação como estratégia de manutenção da ideologia, Ramalho e Resende relatam que essa estratégia “consiste na representação de situações transitórias, sociais, históricas, como se fossem permanentes, naturais e atemporais” (Thompson, 2002a, p. 81 apud Ramalho e Resende, 2011, p. 30). Sendo assim, percebe-se que esse conteúdo deve ser abordado em sala de aula com o objetivo de “formar leitores que possam criar conexões entre saberes, perceber o lugar ideológico dos discursos, interpretar informações e desenvolver consciências” (Thiél, 2012, p.12).

Nessa perspectiva, a seção seguinte abordará a relação dos planos de aula e das diretrizes educacionais que orientam a prática pedagógica em sala de aula em diálogo com a ADC e suas contribuições para um ensino capaz de contestar as relações de dominação.

AS DIRETRIZES EDUCACIONAIS E A ELABORAÇÃO DOS PLANOS DE AULA

Como documentos que orientam a prática pedagógica em sala de aula, a Base Nacional Comum Curricular (2018) e o Currículo em Movimento do Novo Ensino Médio do Distrito Federal (2020) tratam da importância de uma prática educacional que vise à criticidade e à responsabilidade na formação dos jovens enquanto cidadãos capazes de agir sobre e na sociedade. A etapa do ensino médio é a fase final da educação básica e, nesse sentido, está responsável por promover nos estudantes o senso crítico necessário para uma tomada de decisão ética frente às lutas de poder que a sociedade enfrenta:

Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores – e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo. (BRASIL. 2018, p. 463)

Considerando esse ponto de vista sobre a contribuição do ensino médio na formação dos estudantes, a ação colaborativa desenvolvida na escola partiu da necessidade de uma nova perspectiva de abordagem do conteúdo de literatura que, até então, vinha sendo apresentado pelo professor supervisor. Sabendo disso, os planos de aula apresentados resultam da sequência didática de apresentação dos movimentos literários feita inicialmente pelo professor, que já havia abordado o trovadorismo, humanismo e renascimento nas aulas. Durante a observação das exposições realizadas pelo professor, percebeu-se que havia a

necessidade de desenvolver uma prática pedagógica que incluísse a ADC como ferramenta de incorporação de criticidade nas análises textuais e na apresentação dos movimentos literários abordados, colaborando com a função desconstrutora e transformadora da educação.

A partir disso, a aula sobre Quinhentismo foi planejada e realizada com o intuito de apresentar uma contranarrativa aos discursos hegemônicos do colonizador sobre a figura do indígena. Compreendendo que, ainda nos dias atuais, a cultura indígena sofre com a associação de estereótipos estabelecidos historicamente por meio da herança colonial do país, o que acaba dificultando e marginalizando a luta desse grupo, a sequência didática foi elaborada com base no Currículo em Movimento do Distrito Federal a fim de contemplar suas orientações no eixo transversal para a diversidade, no seguinte ponto:

Quanto às questões étnico-raciais, as Leis Federais nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena na Educação Básica, visando o contraponto às narrativas hegemônicas colonialistas, eurocêtricas, excludentes e assimétricas. (DISTRITO FEDERAL, 2020, p. 24)

Nesse sentido, no eixo do ensino de língua portuguesa em contextos e prática sociais, o documento apresenta ainda um objetivo de aprendizagem ligado diretamente ao assunto discutido:

LP11FG Observar, a partir da leitura e descrição de textos, as diferentes concepções de mundo, de ser humano e de conhecimento que constituem as diversas possibilidades de identidades sociais e individuais, nos seguintes estilos e épocas literárias: Trovadorismo e suas cantigas, Humanismo (transição do medieval para o Renascimento), Classicismo e o Quinhentismo (literatura informativa sobre o Brasil), Barroco, Arcadismo/Neoclassicismo. (DISTRITO FEDERAL, 2020, p. 57)

Em relação à BNCC, o componente de língua portuguesa faz parte de um grande grupo nomeado linguagens e suas tecnologias. Dentro desse grupo, a competência 2 se aproxima das discussões atravessadas pelo plano de aula por:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 490)

Nesse contexto, a habilidade EM13LGG202 (BRASIL, 2018, p. 492) tem relação interdisciplinar com a perspectiva da ADC enquanto disciplina que investiga as maneiras como o discurso pode influenciar e agir ideologicamente sobre a vida social. Além disso, essa habilidade propõe que o estudante seja capaz de desenvolver opiniões de maneira autônoma bem como “analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das

diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), compreendendo criticamente o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias”.

Ademais, em complementação às habilidades descritas na BNCC, o Currículo em Movimento traça objetivos de aprendizagem que foram levados em consideração na experiência de estágio. Dentre eles estão: “Língua Portuguesa em contextos e práticas culturais” - LP06FG, “Língua Portuguesa em contextos e práticas sociais” - LP11FG e “Linguagens e suas tecnologias em contextos e práticas culturais” - LGG04FG. Ainda sobre as diretrizes que orientaram a prática pedagógica, é importante destacar também a Matriz de Referência do Programa de Avaliação Seriada (PAS) para ingresso na Universidade de Brasília, que tem na descrição das competências gerais esperadas para a área de Linguagens a leitura de outras literaturas como, por exemplo, a indígena, para exploração de práticas culturais e práticas sociais. É importante destacar que a Matriz de Referência do PAS para o 1º ano do ensino médio traz na lista de leituras obrigatórias para essa etapa de ensino, obras como “Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha a el-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil” que se configurou como leitura base para apresentação do Quinhentismo e para as análises realizadas durante as aulas.

Portanto, feita a apresentação das diretrizes educacionais que nortearam a composição dos planos de aula (Figura 1 e Figura 2), na seção seguinte, abordaremos como se deu a construção da atividade pedagógica.

Figura 1 - Plano de aula de abordagem do Quinhentismo

	PLANO DE AULA METODOLOGIAS ATIVAS	
Literatura: Quinhentismo		
Ponto de partida: problematização de uma situação de comunicação/interação.	Ponto de partida: O que são os movimentos literários? O que é o Quinhentismo? Necessidade de apresentar aos alunos um panorama do que se trata a literatura e qual sua relação entre sociedade-homem-história. Apresentação das produções textuais do período quinhentista no contexto de achamento da “Nova Terra” pelos portugueses no século XVI. Leitura e análise de Obras do PAS-UnB - Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha a el-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil. A aula faz parte da sequência didática de apresentação dos movimentos literários vistos nas aulas anteriores: Trovadorismo, Humanismo, Classicismo e Renascimento.	

Tópico(s) de conhecimento do Currículo em Movimento da Educação básica (SEEDF) CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO NOVO ENSINO MÉDIO Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio	• Linguagens e suas tecnologias • Língua Portuguesa • Campo artístico-literário (BNCC) • Língua Portuguesa em contextos e práticas culturais: Objetivo de aprendizagem: LP11FG • Práticas de linguagem: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica.
Objetivos: Ao final da aula, espera-se que os/as alunos/as sejam capazes de:	• Compreender o que são os movimentos literários; • Ter uma visão geral da organização literária na história – Linha do tempo; • Compreender o “lugar” do período quinhentista dentro dessa linha do tempo; • Conhecer as produções textuais do período quinhentista; • Conhecer a carta de achamento do Brasil e refletir sobre o contexto de sua produção; • A partir da análise da carta, sejam capazes de refletir sobre a relação europeu/colonizador e indígena/colonizado, destacando as principais características da produção textual desse período.
Recursos didáticos: (vídeos, músicas, textos, imagens – com links; slides, roteiro de atividade, formulário Google, Google Classroom, plataformas, mídias etc.).	• Uso de slides -Disponível em: https://www.canva.com/design/DAGUZmAHhnU/8nSavI4Rdnt9YLyJ_7jdfw/edit?utm_content=DAGUZmAHhnU&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton • Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha a el-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil. (Obra do PAS 1) Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1RMvHK646LbbFboB1-1HK726jJpdKcsfB/view> • Sugestão de música: A carta de Pero Vaz de Caminha – Arnaud Rodrigues. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5sHmkxgrWel
Descrição da atividade (desenvolvimento da aula/da sequência didática)	
Proposição de uma questão/atividade desafiadora de comunicação/interação. Avaliação dos conhecimentos prévios dos/as alunos/as.	Seguindo a sequência de aulas, já ministradas pelo professor, sobre literatura e os movimentos literários, decidimos apresentar através de slides o conteúdo sobre o Quinhentismo. Levando em consideração o valor histórico e a importância da Carta de achamento do Brasil para esse período, analisamos e refletimos sobre alguns trechos. Como obra que faz parte da Matriz de Referência para o PAS-UnB na primeira etapa, buscamos realizar uma abordagem crítica e reflexiva em relação aos trechos selecionados, bem como colocar o aluno em contato com a obra. A proposta de atividade vai ser realizada no segundo encontro com as turmas, esse segundo encontro busca apresentar a literatura indígena e discutir o período de achamento da “Nova Terra” com o olhar voltado para a cultura e manifestação indígena. Próximo encontro – “O outro lado da história”
Exploração e experiências textuais-linguísticas reais: Atividades de leitura, interpretação, oralidade, escuta, escrita, reflexão gramatical com foco na intuição, originalidade, reflexão, voz do aluno	1. Leitura participativa dos trechos da carta de Pero Vaz de Caminha; 2. Análise de cada trecho, reforçando as características e os objetivos dos textos do período; 3. Espaço para reflexões e comentários por parte dos alunos;
Produção e reflexão linguística, organização das ideias: Produção textual-linguística concreta inicial (um texto, um parágrafo, um	1. Slides com uma abordagem introdutória sobre a ideia de movimentos literários e a organização da literatura (linha do tempo), citando os

jogo, um material, um texto oral, escrito, multimodal etc.)	movimentos já trabalhados e apresentando o contexto histórico de produção dos textos no Quinhentismo. 2. Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha.
Prática textual-linguística final: Crítica, reflexão, aplicação dos conhecimentos, revisão, divulgação/apresentação do produto concreto final, também para fins de avaliação formativa/somativa do alcance dos objetivos da aula.	A produção de atividade concreta final será desenvolvida na próxima aula. Nesse primeiro momento, avaliamos o engajamento e curiosidade dos alunos em relação ao assunto.
Referências bibliográficas do material utilizado na aula:	
Uso de slides -Disponível em: https://www.canva.com/design/DAGUZmAHhnU/8nSavI4Rdnt9YLyJ_7jdfw/edit?utm_content=DAGUZmAHhnU&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha a el-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil. (Obra do PAS 1) Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1RMMyHK646LbbFboB1-1HK726jJpdKcsfB/view Sugestão de música: A carta de Pero Vaz de Caminha – Arnaud Rodrigues. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5sHmkxgrWel MARIA, Rosa Maria Mijas Beloto Rosa; BELOTO, Mijas. Quinhentismo Literário Brasileiro ou Literatura Informativa. Informativa?. Revista Conhecimento em Foco, v. 1, n. 1, 2023. SINISCALCHI, Cristiane; ORMUNDO, Wilton. Se liga nas linguagens : português - manual do professor . 1. ed. São Paulo : Moderna, 2020.	

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Figura 2 - Plano de aula de desenvolvimento da sequência didática

	PLANO DE AULA METODOLOGIAS ATIVAS	
Literatura: Quinhentismo “O outro lado da história”		
Ponto de partida: problematização de uma situação de comunicação/interação.	Ponto de partida: “O outro lado da história” Necessidade de apresentar aos alunos um panorama do que se trata a literatura e qual sua relação entre sociedade-homem-história. O objetivo é traçar um contraponto entre a aula anterior e as produções textuais do período quinhentista com a parte da história vivenciada e contada a partir de textos produzidos por escritores indígenas. Colocar os alunos em contato com a literatura indígena e propor uma análise crítica-reflexiva das narrativas apresentadas no texto de Caminha e nos textos indígenas que serão apresentados. Deixar claro que a versão de história do Brasil presente no documento histórico é pautada em narrativas hegemônicas colonialistas, eurocêntricas e excludentes que integram esse momento histórico do país na perspectiva do colonizador e dominador.	
Tópico(s) de conhecimento do Currículo em Movimento da Educação básica (SEEDF)	• Linguagens e suas tecnologias • Língua Portuguesa • Campo artístico-literário (BNCC)	

<u>CURRÍCULO EM MOVIMENTO DO NOVO ENSINO MÉDIO</u> <u>Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio</u>	• Língua Portuguesa em contextos e práticas culturais - LP06FG • Língua Portuguesa em contextos e práticas sociais - LP11FG • Linguagens e suas tecnologias em contextos e práticas culturais - LGG04FG. • Práticas de linguagem: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica.
Objetivos: Ao final da aula, espera-se que os/as alunos/as sejam capazes de:	1. Perceber através das narrativas apresentadas que existem “lados” na apresentação e representação da história, e que a depender de que lado essa história é contada, uma outra história, um outro lado, deixa de ser conhecido. Por isso, nosso objetivo é apresentar o período quinhentista para além das narrativas construídas na carta de Caminha, nosso objetivo é inserir o estudante em contato com a visão que, geralmente, não é abordada em sala de aula. 2. Desconstruir a visão de descobrimento do Brasil e entender como se deu o acontecimento desse período a partir de leituras que apresentam a visão do dominado/colonizado; 3. Conhecer autores indígenas e despertar a curiosidade sobre outros textos e a cultura desse povo; 4. Ter contato com a literatura indígena e perceber a importância do conhecimento de outras narrativas sobre o período apresentado; 5. Refletir criticamente sobre o período quinhentista.
Recursos didáticos: (vídeos, músicas, textos, imagens – com links; slides, roteiro de atividade, formulário Google, Google Classroom, plataformas, mídias etc.).	• Uso de slides -Disponível em: https://www.canva.com/design/DAGUZmAHhnU/8nSavI4Rdnt9YLyJ_7jdfw/edit?utm_content=DAGUZmAHhnU&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton • Arquivo com o comando da atividade proposta: https://www.canva.com/design/DAGVvyp2XNI/oRKrlYE-vSUKaegWPpy1ow/edit?utm_content=DAGVvyp2XNI&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton
Descrição da atividade (desenvolvimento da aula/da sequência didática)	
Proposição de uma questão/atividade desafiadora de comunicação/interação. Avaliação dos conhecimentos prévios dos/as alunos/as.	Dando sequência a aula sobre o período quinhentista no Brasil e os desdobramentos históricos desse período, o objetivo dessa aula é refletir de maneira crítica sobre as narrativas apresentadas, mais especificamente, o objetivo é que através do contraponto traçado entre a aula anterior (o contato com o povo originário contado pelos dominadores/colonizadores/portugueses) e a versão do mesmo momento histórico contada através de textos produzidos por escritores indígenas contemporâneos, os alunos sejam capazes de refletir sobre as duas narrativas, e é claro, perceber a história desse período para além de uma simples leitura do que Caminha apresenta na carta que é tida como a “Certidão de nascimento do Brasil”. Após a apresentação, leitura e interpretação de alguns textos indígenas, a proposta de atividade é a escrita de uma carta. Os alunos devem redigir uma carta, seguindo a estrutura textual que esse gênero pede, apresentando esse período histórico. A ideia é que os estudantes, após conhecimento dos dois lados (das duas narrativas) da história, sejam capazes de posicionar-se criticamente em relação ao contato dos povos e dos desdobramentos desse acontecimento. O estudante pode escolher de que lado da história ficará (português/colonizador ou indígena/colonizado) ao apresentar com suas palavras esse momento, a produção textual deverá ter no mínimo 15 linhas.
Exploração e experiências textuais-linguísticas reais: Atividades de leitura, interpretação, oralidade, escuta, escrita, reflexão	1. Leitura participativa dos textos selecionados. 2. Análise dos textos com uma perspectiva crítica-reflexiva, buscando comparar os dois tipos de produções textuais, a narrativa apresentada por

gramatical com foco na intuição, originalidade, reflexão, voz do aluno	Caminha e as narrativas encontradas nos textos de Tiago Hakiy, Ailton Krenak e Davi Kopenawa. 3. Despertar essa crítica em relação ao “Outro lado da história”. Qual a visão do indígena (do colonizado) em relação a esse período da história do nosso país?
Produção e reflexão linguística, organização das ideias: Produção textual-linguística concreta inicial (um texto, um parágrafo, um jogo, um material, um texto oral, escrito, multimodal etc.)	1. Slides com uma abordagem introdutória, apresentando as reais consequências do contato entre os portugueses e os indígenas. A miscigenação, as doenças trazidas pelos portugueses e o extermínio do povo indígena durante a colonização da Nova Terra. Breve comentário sobre a literatura indígena e os temas das produções textuais. 2. Leitura participativa dos textos selecionados.
Prática textual-linguística final: Crítica, reflexão, aplicação dos conhecimentos, revisão, divulgação/apresentação do produto concreto final, também para fins de avaliação formativa/somativa do alcance dos objetivos da aula.	Será avaliada a criatividade dos estudantes no desenvolvimento do texto, o engajamento durante as aulas (participação nas leituras, comentários e observações que contribuam com o tema abordado). A carta será avaliada levando em consideração a estrutura do gênero textual e o desenvolvimento das ideias apresentadas, assim como, a criatividade dos estudantes em descrever e apresentar o momento histórico e as relações entre os portugueses e o povo originário (indígenas).
Referências bibliográficas do material utilizado na aula:	
Uso de slides -Disponível em: https://www.canva.com/design/DAGUZmAHhnU/8nSavI4Rdnt9YLyJ_7jdfw/edit?utm_content=DAGUZmAHhnU&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton HAKIY, Tiago. Índio e tradição. In: HAKIY, Tiago. Awyató-Pót: histórias indígenas para crianças. São Paulo: Paulinas, 2011. KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. A outra margem do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, p. 23-31, 1999. MARIA, Rosa Maria Mijas Beloto Rosa; BELOTO, Mijas. Quinhentismo Literário Brasileiro ou Literatura Informativa. Informativa?. Revista Conhecimento em Foco, v. 1, n. 1, 2023. SINISCALCHI, Cristiane; ORMUNDO, Wilton. Se liga nas linguagens : português - manual do professor . 1. ed. São Paulo : Moderna, 2020. THIÉL, Janice. Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. Descobrindo os brancos. A outra margem do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, p. 15-21, 1999.	

Fonte: Elaboração própria, 2024.

A CONSTRUÇÃO DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA: DE CAMINHA AOS TEXTOS INDÍGENAS CONTEMPORÂNEOS

Como já mencionado, as turmas acompanhadas durante a experiência de estágio faziam parte do 1º ano do ensino médio e possuíam estudantes com faixa etária entre 15 e 16 anos. O desenvolvimento da atividade pedagógica foi realizado durante duas aulas de 45 minutos para cada plano de aula proposto. Com as orientações feitas pelo professor supervisor sobre a programação dos conteúdos para o bimestre, decidi aplicar minha ação interventiva sobre o conteúdo de Quinhentismo. Uma das orientações recebidas do professor foi que a leitura obrigatória “Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha a el-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil”, que consta na Matriz de Referência do PAS-UnB para o 1º ano, deveria ser abordada. Sabendo disso, organizei a apresentação da atividade colaborativa com o objetivo de dar segmento ao conteúdo programado pelo professor.

O primeiro desafio encontrado para a abordagem desse conteúdo foi a falta de informações mais profundas sobre a produção textual realizada durante esse período. Nesse sentido, a maioria das informações encontradas reduzem as produções textuais realizadas no Brasil durante o século XVI, a partir de 1500, como literatura informativa. Essa rotulação influencia a realização de uma aula conteudista e acrítica sobre as produções textuais do período histórico e o que ele significa para a construção de nossa sociedade. Nesse sentido, buscando evitar uma abordagem tradicional sobre a apresentação desse conteúdo, essa rotulação de literatura informativa provocou os questionamentos: sobre o que essa literatura informa? Como ela informa? Quais os impactos causados por ela em nossa sociedade? O que ela deixa de informar? Quem informa através dela? Sendo assim, o planejamento desenvolvido, além de apresentar o Quinhentismo como literatura de informação sobre a Nova Terra, buscou apresentar questões críticas sobre quem informa, de que ponto de vista e sobre que contexto.

Essas reflexões serviram de base para a elaboração de uma sequência didática que abordou a produção textual da carta de Caminha e o seu período de produção com o objetivo de apresentar, através de outros textos, uma contranarrativa ao discurso hegemônico presente no documento histórico. Sendo assim, a apresentação do conteúdo foi realizada por meio de slides e dividida em duas partes. Na primeira aula (plano de aula apresentado na figura 1), foram desenvolvidos os seguintes tópicos: Apresentação da relação entre a literatura e a sociedade-homem-história, características gerais dos movimentos literários, contexto histórico

do Quinhentismo, leitura da carta de Pero Vaz de Caminha bem como a análise dos trechos selecionados.

Como o professor estava apresentando aos estudantes a noção de literatura e sua manifestação através dos movimentos literários, julguei importante falar de literatura apresentando as relações existentes entre sociedade-homem-história e sua manifestação. Para esse fim, antes de entrar no conteúdo sobre Quinhentismo, apresentei um “panorama” do que eles tinham visto sobre literatura e como essas relações tinham sido manifestadas nos movimentos anteriores. Dentre os tópicos de apresentação do conteúdo, é importante destacar que a leitura foi realizada de forma participativa com as turmas, abrindo espaço para comentários, questionamentos e possíveis interpretações. A análise da obra foi baseada nos elementos de estrutura do gênero textual carta, no conteúdo presente no texto e em observações da necessidade desse tipo de comunicação nas relações de contato do português com a Nova Terra no período estudado. Nesse primeiro momento da sequência didática, a análise do texto foi realizada com olhares voltados para uma posição crítica do estudante em relação às narrativas apresentadas. Por que o europeu se coloca como dono da Terra encontrada? O que o contexto histórico apresentado sobre os portugueses diz sobre o projeto que tinham para a Nova Terra? Como o indígena é representado?

É nesse sentido que entendo que a literatura desse período não é meramente informativa, ela é produção e representação do olhar colonizador sobre o outro e sobre o ambiente. Sob esse viés, a carta escrita por Caminha não apenas informa, segundo Thiél (2012, p. 52) “seu texto não é puramente informativo; a palavra é ferramenta política e não só informa, mas também exprime e convence.” A partir disso, perguntas e afirmações que buscavam colocar em discussão essa história contada aos olhos do colonizador foram levantadas e contextualizaram a apresentação da segunda aula.

Denominada de “O outro lado da história”, a aula seguinte (plano de aula apresentado na figura 2) foi apresentada como contranarrativa aos discursos encontrados na carta em relação ao indígena e ao período histórico narrado a partir do colonizador. Para a realização dessa aula, utilizei a literatura indígena como ferramenta de contestação de afirmações colocadas pela carta e contestadas durante a sua análise na primeira aula. O poema “Índio e tradição”, de Tiago Haikiy, excertos dos textos “Descobrimos os brancos”, de Davi Kopenawa e “O eterno retorno do encontro”, de Ailton Krenak compõem os materiais utilizados para confrontar a versão do “achamento” do Brasil relatada na carta de Caminha. Através de slides,

foram projetados os textos e a leitura das produções textuais em questão foram feitas em conjunto com os alunos, buscando a participação e engajamento dos estudantes. Por conta do pouco tempo para a abordagem do conteúdo, visto que a experiência de estágio foi realizada no final do ano letivo, não realizei uma abordagem mais complexa em relação ao que é a literatura indígena em termos de estrutura, estilo, gênero ou tema, mas busquei, através dos textos apresentados, confrontar o discurso apresentado na carta de Caminha sobre o encontro dos portugueses com os indígenas por meio da apresentação das consequências desse encontro e dos rastros que a herança colonial deixou na história do povo indígena e de nossa sociedade.

Como prevê as leis federais nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, o ensino de literatura indígena como contraponto às narrativas hegemônicas deve ser abordado em sala de aula, nessa perspectiva, surgem dúvidas em relação ao modo como realizar essa abordagem. Como realizar uma atividade que busque uma reflexão crítica sobre o Quinhentismo e sobre as produções textuais do período se, ao abordar esse conteúdo, nos limitamos a leitura de um documento canônico e tradicional? Como encaixar o ensino de literatura indígena nesse contexto? Foram a partir de reflexões como essas que a abordagem da aula foi estruturada sob a seguinte organização: Através de slides com uma abordagem introdutória, apresentei as reais consequências do contato entre os portugueses e os indígenas, a miscigenação, as doenças trazidas pelos portugueses e o extermínio do povo indígena durante a colonização da Nova Terra, bem como a descaracterização desse povo pelo olhar do colonizador. Também busquei explicitar que o documento escrito por Caminha apresenta a visão do branco, português e colonizador que estava na posição de dominador sobre o indígena e, por isso, apresenta o contato com esse outro como ele mesmo percebe, sem espaço para o que o outro é ou significa.

Após um breve comentário para apresentar a literatura indígena, realizamos uma leitura participativa dos textos propostos. O primeiro texto, o poema “Índio e tradição”, de Tiago Haikiy foi apresentado aos alunos com o objetivo de colocar o estudante em contato com um poema indígena e possibilitar a reflexão acerca da identidade e cultura desse povo que, como coloca o autor, no 16º verso está “ameaçada de extinção”. O segundo texto, “Descobrimos os brancos”, de Davi Kopenawa, foi o que mais despertou nos estudantes a perspectiva do que significa essa visão de “descobrimento” da Nova Terra pelos portugueses sobre a visão do indígena. Por ser mais incisivo e afirmativo em relação ao discurso de apoderamento dos portugueses à terra, buscamos a partir desse texto provocar no estudante

uma reflexão em relação ao poder que o branco/colonizador acredita exercer sobre aquilo que ele denomina encontrado por ele. Já o terceiro texto, “O eterno retorno do encontro”, de Ailton Krenak, apesar de apresentar uma interpretação mais complexa, foi utilizado com o objetivo de mostrar a diversidade da cultura indígena e a influência de Krenak na luta do povo indígena por representação e espaço na sociedade.

Os textos utilizados para a apresentação do Quinhentismo, tanto a carta de Caminha quanto os textos indígenas, expressam discursos que estão ligados às práticas sociais. Nesse sentido, segundo a Análise de Discurso Crítica:

O texto traz em si traços da ação individual e social que lhe deu origem e de que fez parte; da interação possibilitada também por ele; das relações sociais, mais ou menos assimétricas, entre as pessoas envolvidas na interação; de suas crenças, valores, histórias; do contexto sócio-histórico específico num mundo material particular, com mais ou menos recursos. (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 22)

Sendo assim, a apresentação e a análise dos textos buscaram provocar nos estudantes a curiosidade em entender como as relações sociais de poder se configuram em nossa sociedade e como os textos podem apresentar discursos hegemônicos que instauram preconceitos, ou pelo contrário como os textos podem servir de lugar para a disseminação de discursos muitas das vezes silenciados como nos textos de autoria indígena. Logo, como proposta de atividade, sugerimos que os estudantes realizassem uma produção textual com o objetivo de que pudessem expressar através das aulas apresentadas sua posição crítica em relação ao período do Quinhentismo. Portanto, na seção seguinte, apresento as contribuições dessa aula para o ensino de língua portuguesa como língua materna em uma perspectiva crítica ligada a ADC, e a partir da atividade proposta, comento a efetivação da prática pedagógica.

ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A construção da atividade colaborativa apresentada na seção anterior seguiu a mesma dinâmica nas duas turmas acompanhadas. Entretanto, devido à realidade de cada turma e ao perfil dos estudantes, a prática realizada apresentou algumas diferenças. No encontro com a primeira turma, existiu uma dificuldade e um certo nervosismo durante a apresentação do conteúdo, porém isso foi superado à medida que os estudantes participavam das leituras ou faziam comentários acerca do tema discutido. Na segunda turma, o nervosismo deu lugar à confiança, e a participação de alguns estudantes com comentários colaborativos fez com que a aula acontecesse de maneira mais tranquila. Em relação a isso, um ponto positivo foi o

acompanhamento prévio das turmas, o que possibilitou conhecer seus perfis e estimulou, durante a leitura e análise dos textos, a atuação docente por meio de incentivos à participação com perguntas direcionadas, visando o engajamento dos discentes.

Outro ponto importante e positivo durante o desenvolvimento da atividade foi a familiaridade que os alunos desenvolveram com o tema abordado e a habilidade de relacioná-lo em discussões de outras disciplinas como história e sociologia, por exemplo. Sob esse viés, os estudantes relataram que estudaram na disciplina de história o contexto das Grandes Navegações e que na disciplina de sociologia estavam estudando a mesma obra (carta de Caminha) para realizar uma atividade a ser entregue ao professor. Com isso, percebe-se a relação e importância da interdisciplinaridade e do multiletramento na construção de uma abordagem pedagógica crítica-social. Em relação ao multiletramento como prática pedagógica, a BNCC reconhece a importância em trabalhar com essa perspectiva de ensino, visando uma abordagem pedagógica que considere a linguagem e sua manifestação através de práticas sociais diversas.

Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. (BRASIL, 2018, p. 70)

Ademais, com essa mesma perspectiva, Cani e Coscarelli (2016, p. 23) tratam da importância da incorporação dos multiletramentos nos currículos reconhecendo que essa incorporação “reflete a pluralidade cultural e a diversidade de linguagem que passa a ser valorizada nesse contexto, visando à produção de práticas transformadoras pelo viés da educação”, logo, a aula desenvolvida buscou contemplar essa perspectiva de multiletramento, inserindo os textos indígenas como forma de refletir sobre a dinâmica social e cultural que atravessam a formação da sociedade.

Dessa forma, após a exposição, leitura e interpretação da sequência didática, os estudantes foram estimulados a realizarem uma produção escrita dentro do gênero textual carta. Para a execução, os estudantes deveriam assumir um dos lados explorados nas aulas. Ou seja, o aluno poderia escolher o papel de europeu/colonizador ou do indígena/colonizado e relatar/descrever, do ponto de vista adotado por ele, a partir de toda a discussão realizada em sala de aula e da carta lida, como ocorreu esse primeiro contato entre os europeus e os povos originários. A partir dessas produções, avaliamos que a maioria dos estudantes conseguiram

traçar relação entre as aulas apresentadas e compreender a perspectiva crítica da abordagem do período estudado. Ideias como “Ao tal Dom Manuel”, “Algum dia de 1500”, “De acordo com os homens brancos” e “nos olhavam como animais estranhos e exóticos”, encontradas na produção de uma das estudantes das turmas acompanhadas, demonstram que assumindo a posição de colonizado, ela apresenta a percepção que o outro (homens brancos) diz sobre ela e sua posição enquanto indígena. Nesse sentido, a estudante não apenas reproduz uma ideia já dada pela carta de Caminha, mas a partir de uma reflexão crítica sobre o tema, ela se posiciona e expressa sua opinião.

Ademais, é justamente esse o papel da leitura e escrita enquanto práticas sociais. Segundo Kersch e Rabello (2016, p. 53), leitura (e, por extensão, a escrita) é entendida como a interação e diálogo entre sujeitos historicamente construídos. Nesse sentido, realizar uma leitura e, a partir das ideias comentadas, produzir um texto promove uma articulação entre a posição do estudante enquanto ser social e a dinâmica histórica formadora da sociedade em que ele está inserido. Ou seja, planejamentos de aula que fornecem informações e causam reflexões acerca da dialética existente entre a sociedade e as lutas de poder que atravessam sua estrutura de maneira crítica, possibilitam que os estudantes tenham base para realizar uma posição ética, autônoma e cidadã frente a discursos hegemônicos como os apresentados na carta de Caminha.

Sendo assim, de acordo com a perspectiva crítica da análise do discurso, as atividades realizadas durante a experiência de estágio buscaram utilizar e apresentar a linguagem como forma de contestar discursos prontos sobre a história do encontro entre o europeu e o indígena, por meio da proposição, através dos textos, de uma análise crítica-reflexiva do período e dos desdobramentos dele na sociedade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conforme a experiência de estágio vivenciada, percebe-se a importância de realizar uma abordagem em sala de aula que seja capaz de refletir sobre texto, leitura e produção textual como práticas sociais, ou seja, como linguagem permeada por discursos inerentes às estruturas da sociedade. Nesse sentido, a linguagem, como propõe Ramalho e Resende (2011, p. 13), se mostra uma ferramenta capaz de estabelecer e sustentar relações de dominação ou, ao contrário, contestar e superar esses impasses. Por isso, a perspectiva crítica sobre a abordagem do Quinhentismo apresentada traz em sua construção e efetivação a busca

por reflexão e contestação de ideias hegemônicas e excludentes sobre o período histórico apresentado bem como a análise das relações discursivas presentes e ausentes em sua manifestação através dos textos.

Ademais, a inserção e a apresentação de outros textos, em uma perspectiva voltado ao multiletramento, possibilita que os estudantes sejam capazes de traçar suas próprias conclusões sobre um fato histórico, favorecendo assim a reflexão crítica e a tomada de posição ética e cidadã frente às relações de poder existentes em nossa sociedade. Sob esse viés, percebe-se que a abordagem de textos que não sejam os tradicionalmente utilizados na abordagem desse conteúdo promove o conhecimento necessário para operar numa perspectiva contranarrativa à ideologias dominantes, sustentadas mediante discursos presentes em textos canônicos como a carta de Caminha. A apresentação dos textos indígenas na atividade colaborativa funcionou como essa contranarrativa que fomentou a contestação ao domínio das narrativas do europeu e colonizador, contribuindo para uma perspectiva de inclusão e posição do indígena na construção histórica.

Em conclusão, o ensino de língua portuguesa como língua materna deve promover de maneira contextualizada e crítica uma abordagem de prática pedagógica que estimule a participação do estudante enquanto cidadão construído de maneira dialética e histórica e seu poder de contribuição na transformação de problemas sociais. Sendo assim, abordagens como a proposta nesse artigo contribuem para que tanto os professores em formação quanto os já efetivos apresentem um cenário educativo capaz de desfazer ideologias, contestar discursos já enraizados na estrutura social e proporcionar saberes que auxiliem os estudantes a agir de maneira crítica sobre a realidade. Por fim, o estágio se mostra como experiência fundamental na formação de futuros professores e possibilita a troca de saberes e a articulação exitosa entre teoria e prática docente, o que contribui para uma educação libertadora, conforme a pregada por Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996). A perspectiva adotada neste estudo e a proposta de abordagem buscam contemplar uma educação que forme integralmente o indivíduo para o pleno exercício da cidadania com autonomia e criticidade, em harmonia com a proposta freiriana e em diálogo com as contribuições da ADC para promover a desconstrução de hegemonias e para a transformação social através da linguagem como prática social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **O que muda no ensino médio a partir de 2025**. Governo do Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/agosto/o-que-muda-no-ensino-medio-a-partir-de-2025>. Acesso em 15 de fevereiro de 2025.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento do Novo Ensino Médio**. Brasília, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 73. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; DE SOUZA, Lorena Faria. **Literatura Indígena em Debate: superando o apagamento por meio do letramento literário**. Caderno Seminal, v. 23, n. 23, 2015.

HAKIY, Tiago. **Índio e tradição**. In: HAKIY, Tiago. Awyató-Pót: histórias indígenas para crianças. São Paulo: Paulinas, 2011.

KERSCH, Dorotea F; COSCARELLI, Carla V.; CANI, Josiane Brunetti. **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes, 2016.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 23-31, 1999.

MARIA, Rosa Maria Mijas Beloto Rosa; BELOTO, Mijas. **Quinhentismo Literário Brasileiro ou Literatura Informativa. Informativa?**. Revista Conhecimento em Foco, v. 1, n. 1, 2023.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.

RAMALHO, Viviane. Ensino de língua materna e Análise de Discurso Crítica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, v. 7, n. 1, p. 178-198, jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/Vzfxj5xTVBsLvpZkk4K9GBz/?format=pdf>. Acesso em: 21 dez. 2024.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. Descobrindo os brancos. **A outra margem do ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, p. 15-21, 1999.